



RECENSÃO

*Enredos Sexuais, Tradição e Mudança:
as Mães, os Zecas e as Sedutoras de Além-mar,*
de José Machado Pais,
por Simone Frangella

Análise Social, 220, LI (3.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



PAIS, José Machado

Enredos Sexuais, Tradição e Mudança:

as Mães, os Zecas e as Sedutoras de Além-mar,

Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016, 325 pp.

ISBN 9789726713692

Simone Frangella

O aparecimento do movimento das Mães de Bragança (Trás-os-Montes) em 2003 foi um evento de grande notoriedade. O movimento, criado a partir de um grupo de mulheres descontentes com a infidelidade dos seus maridos e o desvio de dinheiro para gastos nas casas de alterne da cidade, pretendeu expulsar as trabalhadoras sexuais – na sua maioria brasileiras – dessa cidade transmontana.

O protesto mobilizou intensamente a cidade, gerando controvérsias entre os atores sociais beneficiados ou prejudicados pela presença das casas de alterne. Impeliu a abordagem policial e dos agentes da imigração, a intervenção de agentes urbanísticos, alterou a economia da cidade e, por fim, ganhou um significativo destaque mediático nacional e internacional.

O movimento também faz pensar e provoca indagações de grande potencial analítico, sobre, por exemplo, o lugar da sexualidade nas transformações sociais em Portugal ou nas relações quotidianas produzidas decorrentes da prática migratória. No entanto, apesar dessa potencialidade, o protesto das Mães de Bragança acabou por ser visto sobretudo enquanto um facto curioso, invocado regularmente como uma alegoria, a reforçar os estereótipos de género e a reiterar a comprovada relação entre discriminação e migração.

O livro de José Machado Pais, *Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as Mães, os Zecas e as Sedutoras de Além-mar* inova esse quadro de interpretação, complexificando o facto social de forma intrincada e cativante. A análise do movimento e da sua repercussão é apresentada numa dinâmica caleidoscópica, permitindo uma compreensão mais substantiva das transformações sociais em Portugal, da complexidade de representações sobre a imigração, os posicionamentos de género e os papéis sexuais, sem esgotar o movimento nestas perspetivas.

A partir de uma longa e intermitente incursão de campo em Bragança, e através de uma escrita fluida e espirituosa, o autor articula um olhar etnográfico sobre os personagens que viveram a experiência do movimento com uma compreensão sociológica e histórica em torno daquilo que se torna o eixo analítico do livro, nomeadamente a tensão entre tradição e mudança no Portugal contemporâneo, vista por meio do horizonte da sexualidade. As mudanças das formas de conjugalidade e organização

das casas nas aldeias transmontanas e os movimentos de emigração e imigração são compreendidos através dos valores e representações sociais tecedores do confronto entre os personagens.

O livro é dividido em oito capítulos, delineando uma trama com efeito caleidoscópico; os dois primeiros capítulos introduzem-nos ao Movimento das Mães de Bragança e aos seus personagens, mostrando-nos o contexto de partida que será decifrado nos capítulos seguintes a partir de ângulos bastante diferentes. No capítulo 1, o episódio é apresentado ao leitor com detalhe: como se iniciou e se alastrou; quem eram os envolvidos; a apresentação formal de um manifesto; a importância dos *media*, sobretudo com a projeção internacional do evento através da publicação de uma notícia na revista *Time*. Através das análises dos jornais e *websites* e de depoimentos recolhidos por Machado Pais, revelam-se os desdobramentos económicos, sociais e simbólicos do movimento de protesto. Já o capítulo 2 explora o mesmo quadro na sua tessitura interna, através das representações e narrativas múltiplas e conflituosas dos atores que participaram ativamente ou enquanto espetadores neste episódio. Com grande riqueza etnográfica, o autor entremeia conversas, anotações de campo, referências aos lugares, sentimentos e perceções das “esposas” de Bragança, dos homens que frequentavam as casas de alterne, das trabalhadoras do sexo brasileiras e de outros residentes da cidade. A ausência de consenso que resulta desta costura descritiva é enunciativa dos complexos

mecanismos sociais, os quais delineiam os confrontos de moralidades e sensibilidade, e que passam a ser esmiuçados nos capítulos seguintes.

Os capítulos 3 e 4 remetem para a estrutura social na qual assenta uma tradição, a qual se reinventa consoante as mudanças sociais do mundo contemporâneo. A oposição estabelecida pelas “mães” de Bragança entre a casa da família e a casa de alterne é vista de forma análoga a uma dualidade historicamente constituída, no mundo transmontano, entre casa/património (lugar do lícito) e o mundo fora dela (lugar do ilícito); e numa segunda escala territorial, entre a aldeia (comunidade) e as aldeias vizinhas (exterior). As festas e rituais transmontanos, em transformação ou em vias de extinção, assim como as letras das músicas ditas “pimba”, aludem a um modelo tradicional e de tensões sociais que constantemente o sublinham, e a uma polaridade nunca bem resolvida entre o universo da casa, onde estão as mulheres, o património e a reprodução social, e o exercício da masculinidade e o prazer sexual que se faz fora dela.

Com as mudanças sociais contemporâneas ocorridas em Trás-os-Montes, os elementos da tradição reposicionam-se. Assim, a emigração e as oportunidades de escolarização propiciaram a circulação de mulheres para fora da aldeia, dificultando a prática comum do casamento preferencial com parceiros do mesmo lugar. As aldeias passaram, assim, a ter um grande défice conjugal. A desproporção de género no mercado matrimonial e a insatisfação sexual já associada ao uni-

verso da casa geram um duplo lamento dos homens que parecem retomar o modelo social dual que marca as relações conjugais. As observações colhidas sobre as mulheres transmontanas parecem sugerir que a sua reivindicação é a de que os seus maridos cumpram o seu papel tradicional. Assim, as casas de alterne entram neste quadro como parte desta oposição tradicional, aludindo ao prazer ilícito dos homens e à ameaça à casa.

Continuando a contemplar os rituais e o repertório simbólico do contexto transmontano, e relacionando-os sempre com a dinâmica do movimento estudado, Machado Pais dedica-se, nos capítulos 5 e 6, a perceber os vários sentidos e elementos metafóricos presentes nas festas de máscaras, nas alusões ao diabo e à feitiçaria – acusações regularmente feita às brasileiras das casas de alterne – que fazem parte do contexto estudado. A sexualidade atravessa os sentidos ambivalentes nos hiatos rituais, nos quais o casamento e a afirmação da masculinidade são o tema de transgressões que “renovam sentidos desgastados pelas tensões da própria quotidianidade”, uma desordem que clama a ordem. É à luz da projeção aparentemente desejada que a feitiçaria também emerge como uma explicação ambivalente, que representa a mulher brasileira ora como demoníaca (pelas esposas), ora como salvadora (pelos homens). As lendas atribuídas à feitiçaria e a alusão a um chá misterioso alegadamente administrado pelas brasileiras do alterne compõem um longo trajeto de circulação de significados, de valores de uma certa história partilhada

entre o Brasil e Portugal no campo da sexualidade, e que também contribuem para a formação dos estereótipos.

O autor finaliza a análise com dois capítulos que exploram o imaginário social sobre a “brasileira” e o “macho lusitano”, procurando rastrear as suas configurações históricas e destacando o efeito das multiplicidades de sentidos que atravessam a realidade das interações sociais e as retóricas sobre sexualidade. No que respeita às brasileiras, o quadro é aquele já bastante referido nas investigações sobre a migração brasileira para Portugal. O imaginário luso sobre a brasileira é uma herança colonial, de narrações míticas e produções simbólicas, as quais reforçam invariavelmente a mulher sensual, doce (ou submissa), enfeitadora, disponível. Características estas que são apropriadas com sentidos ambivalentes. Tidas aqui como positivas para os homens, negativas para as mulheres, com diferentes “valorizações entre a disciplina e o desejo”, mas sempre com este lastro mitificado, este-reotipado. Também estão presentes no mundo colonial as referências ao macho português, de grande apetite sexual. Porém, tal estereótipo convive com outras representações do homem português forjadas através deste trânsito colonial e pós-colonial, não necessariamente positivas, e que se insinuam nas interações sociais de agora. O episódio de Bragança permite ver como diferentes padrões de masculinidade vão sendo operados e atualizados.

Qual o legado do Movimento das Mães de Bragança? O que nos conta este episódio sobre possíveis transformações no mundo transmontano? É certo que as

“mães” de Bragança inovaram o seu lugar social, ao tornarem-se um movimento social na esfera pública. Ao fazê-lo, também projetaram a sexualidade para fora do domínio do privado, revelando a sua complexa relação com as configurações sociais em transformação. Porém, no limite, o livro faz-nos pensar que, na tensão entre tradição e modernidade, a resistência ao que é exterior e a reprodução de um modelo de género já assente acabam por ser reivindicados, tanto por mulheres quanto por homens. Ainda que sejam constantemente desafiados pela dinâmica contemporânea e lamentados pelos homens insatisfeitos.

O livro apresenta importantes reflexões. Primeiro, tem o grande mérito de perceber transformações da estrutura social, como a emigração e a mobilidade social, a partir da experiência social e pessoal, retratando a tensão social na sua dinâmica quotidiana. Segundo, coloca a migração, neste caso a brasileira, entre-meada com outros fenómenos sociais, dando mais inteligibilidade aos efeitos que o processo migratório provoca nos contextos em contínua transformação.

Por fim, Machado Pais mostra-nos como um episódio quase paródico pode ser desvelado nas suas camadas de profundidade e com combinações diversas. Tornou mais ponderado o olhar sobre a oposição entre as expectativas socialmente construídas e as percepções sobre as situações de insatisfação que moveram social e politicamente os personagens deste episódio. O cuidadoso trabalho em torno destas questões faz deste livro uma contribuição essencial para as ciências sociais.

FRANGELLA, S. (2016), *Recensão “Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as Mães, os Zecas e as Sedutoras de Além-mar”*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016”. *Análise Social*, 220, LI (3.º), pp. 744-748.

Simone Frangella » simone.frangella@ics.ulisboa.pt » Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais » Av. Aníbal de Bettencourt, 9 — 1600-189 Lisboa, Portugal.
